

VESTIBULAR ESTADUAL 2004

UERJ · APM D. JOÃO VI
UENF · ABM D. PEDRO II

caderno
5

língua
portuguesa
e literatura
brasileira

EXAME FINAL · PROVA OBJETIVA · 01/02/2004

Neste caderno você encontrará um conjunto de 16 (dezesesseis) páginas numeradas seqüencialmente, contendo 25 (vinte e cinco) questões de **Língua Portuguesa e Literatura Brasileira**.

Não abra o caderno antes de receber autorização.

INSTRUÇÕES

1. Verifique se você recebeu o cartão de respostas correspondente às provas de seu grupo de carreiras.
2. Verifique se o seu nome, número de inscrição e número do documento de identidade estão corretos no cartão de respostas.

Se houver erro, notifique o fiscal.

Assine o cartão de respostas com caneta.

3. Ao receber autorização para abrir este caderno, verifique se a impressão, a paginação e a numeração das questões estão corretas.

Caso ocorra qualquer erro, notifique imediatamente o fiscal.

4. Leia com cuidado cada questão e escolha a alternativa que mais adequadamente responde a cada uma delas. Marque sua resposta no **cartão de respostas**, cobrindo fortemente o espaço correspondente à letra a ser assinalada; utilize caneta preta, de preferência, ou lápis preto nº 2, conforme o exemplo abaixo:



5. A leitora de marcas **não registrará** as respostas em que houver **falta de nitidez e/ou marcação de mais de uma letra**.
6. O cartão de respostas não pode ser dobrado, amassado, rasurado ou manchado. Exceto sua assinatura, nada deve ser escrito ou registrado fora dos locais destinados às respostas.
7. Você dispõe de **4 (quatro)** horas para fazer suas provas.
8. Ao terminar, entregue ao fiscal o **cartão de respostas e este caderno**.

BOA PROVA!

Com base nos textos I e II, responda às questões de números 01 a 05.

TEXTO I**RETRATOS DA MULHER LIVRE**

Qual seria a aparência da mulher livre? Lembrando que havia vários tipos de mulheres não-escravas, podemos imaginar que, entre as fazendeiras ricas e as pobres roceiras, as diferenças alimentares e de estilo de vida deixaram marcas diferenciadas em suas fisionomias. (...)

Os traços das mulheres de elite são mais conhecidos. Ao vasculharmos amontoados de retratos de famílias do interior do nordeste, elas estão ali: ora sentadas, ora em pé ao lado do marido, rodeadas pelos filhos. Esguias ou gordas, de formas arredondadas. Mas, ao aceitarmos as palavras de Gardner, viajante inglês que por lá passou em 1836, vemos que a gordura “era considerada o encanto principal da beldade do Brasil e o maior elogio que se pode dizer a uma mulher é dizer que está ficando cada dia mais gorda e mais bonita, coisa que na maioria delas cedo acontece pela vida sedentária que levam”. (...)

Uma coisa as nordestinas do sertão pareciam ter em comum: o apreço pelos longos cabelos. Basta dizer que, na seca de 1877, mulheres famintas, esqueléticas, chegaram na casa do major Selemérico, em Oeiras, antiga residência do presidente da província, e, em agonia de morte, ofereciam cortar o cabelo em troca de *água, água*.

Na França, no alvorecer do mundo moderno, um certo tipo de beleza feminina conheceu prestígio. Ela era útil não só para incitar o homem, mas era a arma específica, e legítima, do sexo frágil, que pôde graças a ela compensar sua fraqueza. Adornava-se o corpo com vestidos amplos (que na França chegavam a usar 30 metros de tecidos), escondiam-se as formas desfiguradas por uma gravidez com um colete, ostentava-se longos cabelos (que as pobres, por vezes, vendiam para obter algum dinheiro). E no sertão brasileiro? Mesmo as mulheres ricas costumavam se vestir com uma certa simplicidade se comparadas com as da elite litorânea. Também não costumavam usar jóias em seu dia-a-dia. Traziam, debaixo da saia principal, duas saias de algodão, enfeitadas com barrado de renda (a chamada “renda-de-ponta”) e bem engomadas, além da “camisa de dentro” (espécie de combinação também debruada de renda-renascença). A blusa exterior, em geral, de manga comprida, era ornada com plissados, apliques, bordados de crivo ou crochê. A intenção ao vestir-se era não revelar as formas do corpo nem mesmo insinuar seios ou pernas. No pescoço, os cordões de veludo, “as gargantilhas”, e nos cabelos as “travessas” de prata ou de tartaruga, ou presilhas de ouro ou marfim (as mais pobres usavam de chifre de boi). Mas não havia cosméticos nem verniz nas unhas. Passavam no rosto e nos cabelos azeite de babaçu e pó-de-arroz, que vinha nas caixas forradas de cetim vermelho produzidas pelas perfumarias *Carneiro*, no Rio de Janeiro. Nos pés, usavam botinas de cano curto, de couro, amarradas nos tornozelos, feitas por escravos sapateiros que muito cedo aprenderam e desenvolveram a arte de fazer sapatos – imitando dos europeus – pois usar sandálias não era de bom tom.

(FALCI, Miridan Knox. Mulheres do sertão nordestino. In: PRIORE, Mary Del (org.) *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.)

TEXTO II

A COMADRE

Era a comadre uma mulher baixa, excessivamente gorda, bonachona, ingênua ou tola até um certo ponto, e finória até outro; vivia do ofício de parteira, que adotara por curiosidade, e benzia de quebranto; todos a conheciam por muito beata e pela mais desabrida papa-missas da cidade. Era a folhinha mais exata de todas as festas religiosas que aqui se faziam; sabia de cor dos dias em

05 que se dizia missa em tal ou tal igreja, como a hora e até o nome do padre; era pontual à ladainha, ao terço, à novena, ao setenário; não lhe escapava via-sacra, procissão, nem sermão; trazia o tempo habilmente distribuído e as horas combinadas, de maneira que nunca lhe aconteceu chegar à igreja e achar já a missa no altar. De madrugada começava pela missa da Lapa; apenas acabava ia à das oito na Sé, e daí saindo pilhava ainda a das nove em Santo Antônio. O seu traje habitual

10 era, como o de todas as mulheres da sua condição e esfera, uma saia de lilá preta, que se vestia sobre um vestido qualquer, um lenço branco muito teso e engomado ao pescoço, outro na cabeça, um rosário pendurado no cós da saia, um raminho de arruda atrás da orelha, tudo isto coberto por uma clássica mantilha, junto à renda da qual se pregava uma pequena figa de ouro ou de osso. Nos dias dúplices, em vez de lenço à cabeça, o cabelo era penteado, e seguro por um enorme

15 pente cravejado de crisólitas.

Este uso da mantilha era um arremedo do uso espanhol; porém a mantilha espanhola, temos ouvido dizer, é uma cousa poética que reveste as mulheres de um certo mistério, e que lhes realça a beleza; a mantilha das nossas mulheres, não; era a cousa mais prosaica que se pode imaginar, especialmente quando as que as traziam eram baixas e gordas como a comadre. A mais brilhante

20 festa religiosa (que eram as mais freqüentadas então) tomava um aspecto lúgubre logo que a igreja se enchia daqueles vultos negros, que se uniam uns aos outros, que se inclinavam cochichando a cada momento.

Mas a mantilha era o traje mais conveniente aos costumes da época; sendo as ações dos outros o principal cuidado de quase todos, era muito necessário ver sem ser visto. A mantilha para as

25 mulheres estava na razão das rótulas para as casas; eram o observatório da vida alheia. Muito agitada e cheia de acidentes era a vida que levava a comadre, de parteira, beata e curandeira de quebranto; não tinha por isso muito tempo de fazer visitas e procurar os conhecidos e amigos.

(ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.)

Questão 01

As formas sublinhadas nos quatro fragmentos retirados do texto I são usuais no português culto falado no Brasil. Três delas, porém, ainda são evitadas por escritores mais conservadores e puristas. Ao escrever, estes escritores preferem as variantes que se acham entre parênteses.

A forma sublinhada e a colocada entre parênteses que são aceitas sem restrição por esses escritores, como formas da escrita culta padrão, estão indicadas em:

- (A) “Lembrando que havia (*existiam*) vários tipos de mulheres não-escravas,” (l. 1)
- (B) “na seca de 1877, mulheres famintas, esquelidas, chegaram na (*chegaram à*) casa do major Selemérico,” (l. 12 - 13)
- (C) “ostentava-se (*ostentavam-se*) longos cabelos” (l. 19)
- (D) “Mesmo as mulheres ricas costumavam se vestir (*vestir-se*) com uma certa simplicidade” (l. 20 - 21)

Questão 02

(...) a gordura "era considerada o encanto principal da beldade do Brasil e o maior elogio que se pode dizer a uma mulher é dizer que está ficando cada dia mais gorda e mais bonita, coisa que na maioria delas cedo acontece pela vida sedentária que levam." (texto I, l. 7 - 10)

De acordo com o comentário sublinhado, o viajante inglês Gardner dá o seguinte depoimento sobre as mulheres:

- (A) tornavam-se bonitas depois que engordavam
- (B) engordavam facilmente porque tinham pouca atividade
- (C) ficavam gordas e bonitas porque pertenciam a famílias ricas
- (D) engordavam porque, além de comer bem, bebiam muita água

Questão 03

Os textos I e II registram aspectos do vestuário feminino brasileiro do período colonial. O primeiro é exclusivamente documental, por ser um texto de História; já a combinação de dados documentais, conteúdos ficcionais e observações subjetivas contribui para fazer do texto II um texto literário.

Um trecho do texto II que se refere exclusivamente à comadre como personagem de ficção vem transcrito em:

- (A) "Era a folhinha mais exata de todas as festas religiosas que aqui se faziam; sabia de cor dos dias em que se dizia missa em tal ou tal igreja," (l. 4 - 5)
- (B) "O seu traje habitual era, como o de todas as mulheres da sua condição e esfera, uma saia de lilá preta," (l. 9 - 10)
- (C) "em vez de lenço à cabeça, o cabelo era penteado, e seguro por um enorme pente cravejado de crisólitas." (l. 14 - 15)
- (D) "a mantilha espanhola, temos ouvido dizer, é uma cousa poética que reveste as mulheres de um certo mistério," (l. 16 - 17)

Questão 04

Algumas orações vêm transcritas abaixo acompanhadas de uma indicação do sentido que expressam no texto II.

Este sentido está **incorretamente** identificado em:

- (A) "de maneira que nunca lhe aconteceu" (l. 7) – consequência
- (B) "apenas acabava" (l. 8) – exclusão
- (C) "logo que a igreja se enchia daqueles vultos negros," (l. 20 - 21) – tempo
- (D) "sendo as ações dos outros o principal cuidado de quase todos," (l. 23 - 24) – causa

Questão 05

No texto II, o trecho em que o narrador estabelece uma comparação de igualdade é:

- (A) "sabia de cor dos dias em que se dizia missa em tal ou tal igreja," (l. 4 - 5)
- (B) "trazia o tempo habilmente distribuído e as horas combinadas," (l. 6 - 7)
- (C) "era a cousa mais prosaica que se pode imaginar," (l. 18)
- (D) "A mantilha para as mulheres estava na razão das rótulas para as casas;" (l. 24 - 25)

Com base no texto III, responda às questões de números 06 a 10.

TEXTO III

FUNÇÃO

Me deixaram sozinho no meio do circo
 Ou era apenas um pátio uma janela uma rua uma esquina
 Pequenino mundo sem rumo

Até que descobri que todos os meus gestos
 05 Pendiam cada um das estrelas por longos fios invisíveis

E havia súbitas e lindas aparições como aquela das longas tranças
 E todas imitavam tão bem a vida
 Que por um momento se chegava a esquecer a sua cruel inocência de bonecas

E eu dizia depois coisas tão lindas
 10 E tristes
 Que não sabia como tinham ido parar na minha boca
 E o mais triste não era que aquilo fosse apenas um jogo cambiante de reflexos

Porque afinal um belo pião dançante
 Ou zunindo imóvel
 15 Vive uma vida mais intensa do que a mão ignorada que o arremessou

E eu danço tu danças nós dançamos
 Sempre dentro de um círculo implacável de luz
 Sem saber quem nos olha atenta ou distraidamente do escuro...

(QUINTANA, Mário. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1966.)

Questão 06

No poema de Mário Quintana, a vida é uma encenação num palco ou picadeiro, e o homem um brinquedo submetido aos caprichos da sorte.

Esta idéia é expressa metaforicamente pelo seguinte trecho:

- (A) “todos os meus gestos / Pendiam (...) das estrelas por longos fios invisíveis” (v. 4 - 5)
- (B) “por um momento se chegava a esquecer a sua cruel inocência de bonecas” (v. 8)
- (C) “Vive uma vida mais intensa do que a mão ignorada que o arremessou” (v. 15)
- (D) “E eu danço tu danças nós dançamos” (v. 16)

Questão 07

Dentre os traços formais presentes neste poema, aquele que **não** caracteriza a estética do Modernismo brasileiro é:

- (A) emprego de adjetivação dupla
- (B) ausência de sinais de pontuação
- (C) uso de versos desprovidos de rima
- (D) aproveitamento da sintaxe coloquial

Questão 08

Do início ao verso 12, o poema apresenta exclusivamente formas verbais no tempo passado. No verso 15, porém, o poeta introduz o tempo presente.

O valor estilístico desta modificação do tempo do verbo é:

- (A) retratar o movimento rotativo do pião
- (B) fazer uma reflexão de validade permanente
- (C) produzir um contraste irônico entre o circo e a vida
- (D) registrar um fato ocorrido no momento da narração

Questão 09

Nos segmentos a seguir foram introduzidas pequenas alterações, que aparecem sublinhadas.

A alternativa em que a alteração modifica o sentido do trecho original é:

- (A) "meus gestos / imitavam as estrelas" (v. 4 - 5)
- (B) "as quais não sabia como tinham ido parar na minha boca" (v. 11)
- (C) "apenas um jogo mutante de reflexos" (v. 12)
- (D) "Porque na verdade um belo pião dançante" (v. 13)

Questão 10

Alguns vocábulos do texto aparecem abaixo seguidos de uma análise gramatical.

Esta análise está **incorreta** na seguinte alternativa:

- (A) "havia" (v. 6) – está na terceira pessoa do singular, por se tratar de verbo impessoal
- (B) "Que" (v. 8) – é conjunção consecutiva, por introduzir o efeito do fato expresso no verso 7
- (C) "fosse" (v. 12) – é forma do pretérito imperfeito do subjuntivo, por exprimir hipótese
- (D) "atenta" (v. 18) – está no feminino, por constituir um exemplo de silepse de gênero

Com base nos textos IV e V, responda às questões de números 11 a 25.

TEXTO IV**OS QUE COMEÇAM...**

Não há decerto exploração mais dolorosa que a das crianças. Os homens, as mulheres ainda pantomimam a miséria para lucro próprio. As crianças são lançadas no ofício torpe pelos pais, por criaturas indignas, e crescem com o vício adaptando a curvilínea e acovardada alma da mendicidade malandra. Nada mais pavoroso do que este meio em que há adolescentes de dezoito anos e

05 pirralhos de três, garotos amarelos de um lustro de idade e moçoilas púberes sujeitas a todas as passividades. Essa criança parece não pensar e nunca ter tido vergonha, amoldadas para o crime de amanhã, para a prostituição em grande escala. Há no Rio um número considerável de

10 pobrezinhos sacrificados, petizes que andam a guiar senhoras falsamente cegas, punguistas sem proteção, paralíticos, amputados, escrofulosos, gatunos de sacola, apanhadores de pontas de cigarros, crias de famílias necessitadas, simples vagabundos à espera de complacências escabrosas, um mundo vário, o olhar de crime, o broto das árvores que irão obumbrar as galerias da Detenção, todo um exército de desbriados e de bandidos, de prostitutas futuras, galopando pela cidade à cata do pão para os exploradores. Interrogados, mentem a princípio, negando; depois exageram as falcatruas e acabam a chorar, contando que são o sustento de uma súcia de criminosos que a

15 polícia não persegue.

A metade desse bando conhece as leis do prefeito, os delegados de polícia e acompanha o movimento da política indígena, oposicionista e vendo em cada homem importante uma roubalheira. São em geral os mendigos claramente defeituosos a que falta uma perna, um braço.

A perda que os tornou inválidos é uma espécie de felicidade, a indolência e o sustento garantidos.

20 À beira das calçadas o dia inteiro têm tempo de se tornarem homens e de ler os jornais. Fazem tudo isso com vagar. Quando um ponto se torna insustentável vão para outros, e há entre eles relações, morfêias que se ligam às úlceras, olhos em pus que olham com ternura companheiros sem braços, e todos guardando a data do desastre que os mutilou, que os fez entrar para a nova vida com a saudade da vida passada.

(RIO, João do. *A alma encantadora das ruas: crônicas*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1987.)

TEXTO V**CIDADE DE DEUS**

Barracos de caixas de tomate, madeiras de lei, carnaúba, pinho-de-riga, caibros cobertos, em geral, por telhas de zinco ou folhas de compensados. Fogueiras servindo de fogão para fazer o mocotó, a feijoada, o cozido, o vatapá, mas, na maioria das vezes, para fazer aquele arroz de terceira grudado, angu duro ou muito ralo, aqueles carurus catados no mato, mal lavados, ou

05 simplesmente nada. Apenas olhares carcomidos pela fome, em frente aos barracos, num desespero absoluto e que por ser absoluto é calado. Sem fogueira para esquentar ou iluminar como o sol, que se estendia por caminhos muitas vezes sem sentido algum para os que não soltavam pipas, não brincavam de pique-pega e não se escondiam num pique-esconde.

Os abismos têm várias faces e encantam, atraem para o seu seio como as histórias em quadrinhos

10 que chegavam ao morro compradas nas feiras da Maia Lacerda e do Rio Comprido, baratas como a tripa de porco que sobrava na casa do compadre maneiro que nem sempre era compadre de batismo. Era apenas o adjetivo, usado como substantivo, sinônimo de uma boa amizade, de um relacionamento que era tecido por favores, empréstimos impagáveis e consideração até na hora da morte.

15 São as pessoas nesse desespero absoluto que a polícia procura, espanca com seus cassetetes possíveis e sua razão impossível, fazendo com que elas, com seus olhares carcomidos pela fome, achem plausíveis os feitos e os passos de Pequeno e de sua quadrilha pelos becos que, por terem só uma entrada, se tornam becos sem saídas, e achem, também, corriqueira essa visão de meia cara na quina do último barraco de cada beco de crianças negras ou filhas de nordestinos, de

20 peito sem proteção, pé no chão, shorts rasgados e olhar já cabreiro até para o próprio amigo, que, por sua vez, se tornava inimigo na disputa de um pedaço de sebo de boi achado no lixo e que aumentaria o volume da sopa, de um sanduíche quase perfeito nas imediações de uma lanchonete, de uma pipa voada, ou de um ganso dado numa partida de bola de gude.

Lá ia Pequeno, senhor de seu desejo, tratando bem a quem o tratava bem, tratando mal a quem o

25 tratava mal e tratar mal era dar tiros de oitão na cabeça para estuporar os miolos.

Os exterminadores pararam na tendinha do Zé Gordo para tomar uma Antartica bem gelada, porque esta era a cerveja de malandro beber. Pequeno aproveitou para perguntar pelos amigos que fizera no morro, pelas tias que faziam um mocotó saboroso nos sábados à tarde, pelos compositores da escola.

30 - Qualé, Zé Gordo, se eu te der um dinheiro, tua mulher faz um mocotó aí pra gente?

- Então, meu cumpádi!

Pequeno deu a quantia determinada pela esposa de Zé Gordo, em seguida retornaram à patrulha que faziam.

(LINS, Paulo. *Cidade de Deus*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.)

Questão 11

Os homens, as mulheres ainda pantomimam a miséria para lucro próprio. (texto IV, l. 1 - 2)

Com esta afirmação, João do Rio atribui aos adultos a seguinte atitude diante da miséria:

- (A) acomodam-se por considerarem a miséria inevitável
- (B) fingem que são miseráveis para viver confortavelmente
- (C) continuam a encenar a miséria para tirar proveito dela
- (D) se sentem recompensados por viverem como miseráveis

Questão 12

Segundo João do Rio, o maior desejo dessa população é conseguir meios de se manter no ócio.

A frase do texto IV que melhor caracteriza este ponto de vista do autor é:

- (A) “Essa criançada parece não pensar e nunca ter tido vergonha, amoldadas para o crime de amanhã, para a prostituição em grande escala.” (l. 6 - 7)
- (B) “A metade desse bando conhece as leis do prefeito, os delegados de polícia e acompanha o movimento da política indígena,” (l. 16 - 17)
- (C) “A perda que os tornou inválidos é uma espécie de felicidade, a indolência e o sustento garantidos.” (l. 19)
- (D) “À beira das calçadas o dia inteiro têm tempo de se tornarem homens e de ler os jornais.” (l. 20)

Questão 13

Chama-se de **progressão** à forma de organização textual caracterizada pela ordenação temporal das informações.

O trecho do texto IV que está organizado internamente como **progressão** é:

- (A) “Nada mais pavoroso do que este meio em que há adolescentes de dezoito anos e pirralhos de três,” (l. 4 - 5)
- (B) “Há no Rio um número considerável de pobrezinhos sacrificados, petizes que andam a guiar senhoras falsamente cegas,” (l. 7 - 8)
- (C) “Interrogados, mentem a princípio, negando; depois exageram as falcatruas e acabam a chorar,” (l. 13 - 14)
- (D) “São em geral os mendigos claramente defeituosos a que falta uma perna, um braço.” (l. 18)

Questão 14

Em *Interrogados*, *mentem a princípio, negando*; (texto IV, l. 13) o particípio e o gerúndio assinalam circunstâncias adverbiais do fato expresso em *mentem*.

A circunstância denotada pelo particípio e a indicada pelo gerúndio significam respectivamente:

- (A) tempo e modo
- (B) causa e proporção
- (C) concessão e finalidade
- (D) comparação e conseqüência

Questão 15

A atualidade do tema e a linguagem da crônica de João do Rio demonstram a vinculação desse gênero ao jornalismo.

Um dos fatores que contribuíram para o reconhecimento da crônica como gênero literário no Brasil é:

- (A) os escritores menores publicavam crônicas nos jornais que superavam as de autores consagrados
- (B) os criadores da prosa de ficção reescreviam seus textos em linguagem acessível aos leitores de jornais
- (C) os cronistas focalizavam os problemas sociais e urbanos, enquanto os romancistas se abstinham de tema dessa natureza
- (D) os poetas e os romancistas brasileiros renomados dedicavam-se também a escrever crônicas sobre a cidade e seus problemas, em jornais

Questão 16

Os textos de João do Rio e de Paulo Lins focalizam aspectos distintos da miséria a que estão submetidas as crianças no Rio de Janeiro no começo e no fim do século XX.

O seguinte aspecto, porém, é focalizado em ambos os textos:

- (A) omissão dos pais como fatores determinantes das condições de vida de seus filhos
- (B) convivência da polícia com a exploração e a violência sofridas pelas crianças marginalizadas
- (C) existência de mecanismos de exploração da miséria das crianças pelos pais e pelas autoridades
- (D) eliminação das características infantis pelo convívio com adultos embrutecidos e marginalizados

Questão 17

O texto IV e o texto V apresentam diferentes visões sobre a convivência entre os marginalizados.

A perspectiva apresentada quanto a esta convivência está caracterizada de forma **inadequada** em:

- (A) Paulo Lins ressalta a sobrevivência de trocas afetivas, contrastando-as com o meio hostil.
- (B) Paulo Lins generaliza a presença da competição, correlacionando-a a objetos degradados.
- (C) João do Rio ironiza a convivência dos miseráveis, descrevendo-a como relação entre doenças.
- (D) João do Rio enfatiza o comportamento competitivo, destacando-o nas relações entre as crianças.

Questão 18

Apenas olhares carcomidos pela fome, em frente aos barracos, (texto V, l. 5)

A dramaticidade da caracterização dos habitantes da favela é alcançada neste trecho por meio da figura de linguagem denominada:

- (A) antítese
- (B) anacoluto
- (C) pleonasma
- (D) metonímia

Questão 19

Lá ia Pequeno, senhor de seu desejo, tratando bem a quem o tratava bem, tratando mal a quem o tratava mal e tratar mal era dar tiros de oitão na cabeça para estuporar os miolos. (texto V, l. 24 - 25)

O aposto "senhor de seu desejo" evidencia a seguinte relação entre Zé Pequeno e os habitantes da favela:

- (A) igualdade, pois como os demais é um escravo das circunstâncias
- (B) dominação, pois diante dos outros impõe seus caprichos e desejos
- (C) contraste, pois ao contrário dos outros pode decidir sobre os próprios atos
- (D) instabilidade, pois no trato com os demais é imprevisível e arbitrário nas atitudes

Questão 20

(...) em seguida retornaram à patrulha que faziam. (texto V, l. 32 - 33)

O pronome relativo **que** desempenha a mesma função sintática a ele atribuída em:

- (A) "baratas como a tripa de porco que sobrava na casa do compadre maneiro" (l. 10 - 11)
- (B) "um pedaço de sebo de boi achado no lixo e que aumentaria o volume da sopa," (l. 21 - 22)
- (C) "Pequeno aproveitou para perguntar pelos amigos que fizera no morro," (l. 27 - 28)
- (D) "pelas tias que faziam um mocotó saboroso nos sábados à tarde," (l. 28)

Questão 21

A seqüência da narrativa, no texto de Paulo Lins, descreve as agruras do espaço físico e do ambiente social antes de apresentar as ações de um personagem.

A estruturação da narrativa neste texto estabelece a seguinte vinculação com a tradição literária:

- (A) justifica a brutalidade humana pela psicologia dos personagens, nos moldes do naturalismo
- (B) vincula o surgimento de um tipo humano ao ambiente social, de acordo com o recorte naturalista
- (C) mostra uma imagem idealizada da população da favela, mediante a adoção de uma concepção romântica
- (D) constrói a imagem de um herói no interior da população marginalizada, segundo os moldes do romantismo

Questão 22

No segundo parágrafo do texto *Cidade de Deus*, há um comentário sobre os sentidos e as possíveis classificações gramaticais da palavra **compadre**.

Nesse trecho, o narrador recorreu à função da linguagem denominada:

- (A) poética
- (B) conativa
- (C) referencial
- (D) metalingüística

Questão 23

(...) e achem, também, corriqueira essa visão de meia cara na quina do último barraco de cada beco de crianças negras ou filhas de nordestinos, de peito sem proteção, pé no chão, shorts rasgados e olhar já cabreiro até para o próprio amigo, (texto V, *l.* 18 - 20)

O destaque concedido a crianças negras e nordestinas nesta descrição da favela evidencia a seguinte atitude:

- (A) desprezo
- (B) denúncia
- (C) conivência
- (D) curiosidade

Questão 24

No texto de Paulo Lins, a variação de **compadre/cumpádi** atesta a possibilidade de uma palavra adquirir sentidos diferentes conforme as situações de uso.

A ocorrência dessas formas no texto constitui-se em um meio de:

- (A) atribuir significados estritos e constantes
- (B) expressar laços afetivos e de proximidade
- (C) exemplificar deturpações formais e semânticas
- (D) mascarar relações profissionais e de parentesco

Questão 25

Algumas preposições podem expressar sentidos variados e introduzir termos com funções sintáticas diversas.

No exemplo *Pequeno deu a quantia determinada pela esposa de Zé Gordo*, (texto V, *l.* 32), a preposição **por** tem características semânticas e sintáticas idênticas às da seguinte alternativa:

- (A) "caibros cobertos, em geral, por telhas de zinco" (*l.* 1 - 2)
- (B) "num desespero absoluto e que por ser absoluto é calado." (*l.* 5 - 6)
- (C) "que se estendia por caminhos muitas vezes sem sentido algum" (*l.* 7)
- (D) "becos que, por terem só uma entrada, se tornam becos sem saídas," (*l.* 17 - 18)